



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

RONALDO MORAIS LEITE

***A LENDA DO LOBISOMEM E SUA ATUALIZAÇÃO NA TRADIÇÃO ORAL DO
CARIRI CEARENSE***

CAJAZEIRAS - PB

2023

RONALDO MORAIS LEITE

**A LENDA DO LOBISOMEM E SUA ATUALIZAÇÃO NA TRADIÇÃO ORAL DO
CARIRI CEARENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

L5331 Leite, Ronaldo Moraes.
A Lenda do Lobisomen e sua atualização na tradição oral do Cariri
Cearense / Ronaldo Moraes Leite. – Cajazeiras, 2023.
47f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.
Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2023.

1. Lenda. 2. Lenda do Lobisomen. 3. Cariri Cearense - Lobisomen.
4. Cultura popular. 5. Tradição - Barbalha - Município - Ceará. I. Sousa,
Erli Bandeira de. II. Título.

UFCG/CFP/BS CDU – 82-343

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

RONALDO MORAIS LEITE

**A LENDA DO LOBISOMEM E SUA ATUALIZAÇÃO NA TRADIÇÃO ORAL
DO CARIRI CEARENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 07, 11, 2023

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof.ª Dr.ª Silvana Vieira de Sousa
(UACS/CFP/UFCG - Examinadora 1)



Prof.ª Dr.ª Maria de Lourdes Dionízio Santos
(UAL/CFP/UFCG – Examinadora 2)

AGRADECIMENTOS

Ao grande arquiteto do universo, por ter me dado saúde e força para lograr êxito nessa caminhada acadêmica.

Aos meus pais, Lúcia e Acenio, que, embora já tenham partido, continuam comigo, em pensamento.

A minha esposa, Deusilânia, companheira de todos os momentos, a qual dedico-lhe da primeira à última página deste trabalho, pois sem ela não conseguiria ultrapassar mais esse desafio.

Aos meus colegas e amigos do curso de Letras do período 2016.2, em especial a Anaelsio, Viviane e Paulo; boas lembranças guardo de vocês, meus amigos.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, que contribuíram com suas correções e ensinamentos. Ao meu orientador, Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa, que me ajudou durante toda a produção deste trabalho, auxiliando-me com paciência e dedicação.

RESUMO

Este trabalho se propôs a realizar uma pesquisa a qual tem como objeto a lenda do lobisomem, apresentando uma síntese do percurso dessa estória, da antiguidade à atualidade, sem pretender, no entanto, esgotar esse caminho, uma vez que essa lenda adquire versões novas em várias culturas, não sendo essa a intenção deste trabalho. O objetivo geral é a análise de uma lenda local, dando relevo a seus aspectos particulares: *Vicente Finin, o lobisomem do Cariri cearense*. A estória é oriunda da cidade de Barbalha, onde continua presente até os dias atuais, sendo disseminada por toda região do Cariri. Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de caráter qualitativo, baseando-se em teóricos tais como Cascudo (2000), que expõe concepções acerca do gênero Lenda, assim como também Bayard (2002), que apresenta aspectos da historicidade do gênero. Para levar à frente a pesquisa sobre o tema, ou seja, a lenda do lobisomem e suas especificidades, fundamentamo-nos em Pinto (1986), que apresenta e discute os principais conceitos sobre esse personagem de longa tradição na cultura ocidental.

Palavras-chave: Lenda. Lobisomem. Cariri. Barbalha. Cultura Popular.

ABSTRAT

This work sets out to carry out a research which has object the legend of the werewolf, presenting a synthesis of thos story's journey from antiquity to the present day, without intend, however, to exhaust this path, since this legend acquires versions new in several cultures, not being that is the intention of this work. The general objective is analysis of one a local legend, give relief its privates aspects: Vicente Finin, the werewolf from Cariri cearense. The story is arising in the city of Barbalha, where continue still present current days, being widespread spread throughout the Cariri region. This research is characterized as bibliographical of character qualitative, based on theorists such as Cascudo (2000), who sets out conceptions about of the Legend genre, as well as Bayard (2002), who present aspects of the historicity of the genre. In order live in front out the research into the theme, the legend of the werewolf and its specificities, we based ourselves on Pinto (1986), who presents and discusses the main concepts about this character with a long tradition in Western culture.

Keywords: Legend. Werewolf. Cariri. Barbalha. Popular Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONCEPÇÕES ACERCA DO GÊNERO LENDA	10
2.1 LENDA OU LEGENDA?	14
2.2 LENDA OU MITO, HÁ DIFERENÇA?	18
3 LENDA DO LOBISOMEM: A ORIGEM	22
3.1 O LOBISOMEM	23
3.2 A LENDA DO LOBISOMEM EM VÁRIAS CULTURAS	26
4 LOBISOMEM NO BRASIL	31
4.1 LOBISOMEM NO CEARÁ	34
4.2 VICENTE FININ: O LOBISOMEM DO CARIRI CEARENSE	36
4.3 O PROCESSO DE ATUALIZAÇÃO DA LENDA DO LOBISOMEM NO CARIRI	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

As lendas são mais que apenas narrativas fantásticas; estão associadas à formação étnica de um povo. Sendo uma das mais antigas, *a lenda do lobisomem* ainda alimenta o imaginário, fascinando muitas comunidades. Embora a estória da criatura meio homem, meio lobo seja considerada arcaica, ela está presente também na contemporaneidade, sendo divulgada virtualmente através das mídias sociais.

Ainda que o ser lobisomem seja o mesmo em todas as versões, a lenda passou por um processo de atualização. Ao chegar ao Brasil, foram incorporadas à lenda algumas mudanças significativas, tais como transformar-se de forma voluntária nessa criatura, algo que não está presente na versão portuguesa. No Ceará, especificamente no Cariri, a metamorfose tem algo peculiar: reza a lenda que um indivíduo de alcunha Vicente Finin se transformava em lobisomem por ter causado a morte da própria mãe. Entretanto, alguns aspectos da história tradicional se mantêm inalterados, como, por exemplo, a presença necessária da lua cheia para que ocorra a transformação.

Este trabalho apoia-se no conceito teórico de lenda, salientando a sua função social. Refere-se especificamente à estória do lobisomem e seu processo de atualização, a partir da sua origem, em Portugal, sua chegada ao Brasil e, por fim, ao Ceará. Nesse sentido, a finalidade deste trabalho consiste em analisar o percurso traçado pela narrativa e mostrar as alterações ocorridas em sua versão local com o decorrer do tempo.

Desde pequenos ouvimos várias estórias fantasiosas, e no Cariri cearense, entre monstros e assombrações, destaca-se *A lenda de Vicente Finin*, o lobisomem caririense. As gerações dessa região cresceram ouvindo essa famosa narrativa. O interesse por essa pesquisa surgiu exatamente por constatarmos como essa estória continua viva, mesmo nos tempos atuais, e como ela ainda nos diz muito sobre o imaginário e a realidade de um povo. Ao analisarmos essa lenda local, partimos não apenas da perspectiva literária, mas sim de uma compreensão do processo de desenvolvimento criativo e intelectual do homem.

Dessa forma, levando em consideração o fato de que as lendas estão enraizadas no imaginário do homem, e sobrevivem ao tempo e à modernidade, apontamos as seguintes questões: o que seria o gênero lenda e o que a difere da legenda e do mito? Por que a lenda do lobisomem, desde sua origem tão longínqua,

ainda fascina o homem contemporâneo? Qual elemento difere a versão cearense das versões divulgadas em Portugal e em outras regiões do Brasil? Para respondê-las, definimos os seguintes objetivos:

Geral:

- Analisar as peculiaridades da lenda do lobisomem no Cariri cearense.

Específicos:

- Discutir, teoricamente, o conceito de lenda;
- Apresentar a origem da lenda do lobisomem e discorrer sobre a presença da lenda do lobisomem em diversas culturas.

Tendo em vista o fascínio que as lendas exercem sobre o homem, e como essas histórias podem atuar no comportamento de um povo, a importância desta pesquisa consiste em compreender o processo de atualização que essas histórias passam no decorrer do tempo, em especial *A lenda do lobisomem*. Sendo assim, pretendemos, com este trabalho, contribuir com a valorização da tradição oral cearense, e mostrar a capacidade adaptativa das lendas.

Esta pesquisa é bibliográfica, pois consulta materiais já publicados, tais como livros, teses e artigos. É de caráter explicativa, já que visa identificar e explicar fatores que contribuem na ocorrência de um determinado fenômeno. Ademais, é de cunho aplicada e de natureza qualitativa, uma vez que pretende compreender o processo de atualização da *Lenda do lobisomem*. Dessa forma, este trabalho fundamenta-se principalmente nas contribuições teóricas dos seguintes autores: Bayard (2001), Pinto (1986), Eliade (1972), Cascudo (2000) e outros, que abordam a cultura popular através dos Mitos e das Lendas.

Este trabalho é constituído de três capítulos: o primeiro apresenta uma discussão sobre o conceito do gênero lenda, salientando a diferença entre lenda, mito e legenda. O segundo capítulo aborda a origem da lenda do lobisomem e sua disseminação em várias partes do mundo, além de enfatizar sua presença em diferentes culturas. O terceiro e último capítulo traz uma breve discussão acerca da chegada da lenda do lobisomem no Brasil, sua presença no estado do Ceará e, por fim, a análise da *Lenda de Vicente Finin*, o lobisomem cariense. Seguem-se as Considerações Finais e as Referências.

2 CONCEPÇÕES ACERCA DO GÊNERO LENDA

Neste capítulo, antes de iniciarmos a exposição acerca do gênero Lenda, faz-se necessária uma breve discussão sobre sua origem etimológica. Para isso, utilizaremos, a princípio, duas fontes primordiais. São elas: *O Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo; e o *Dicionário De Termos Literários*, de Massaud Moises. Para Cascudo (2000, p. 328) a lenda é

Episódio heroico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, *legenda*, *legere*, possui características de fixação geográfica e pequena deformação.

De acordo com Moisés (2004, p. 259) a lenda “[...] designa toda narrativa em que um fato histórico se amplifica e se transforma sob o efeito da imaginação popular [...]”.

Iremos, de agora em diante, discorrer melhor sobre este gênero.

É inerente ao homem contar sua própria história. Essa prática surgiu desde as eras mais longínquas, nas quais foram se desenvolvendo suas capacidades linguísticas e suas relações em sociedade. Desde então, foram surgindo incontáveis narrativas as quais foram sendo compartilhadas entre diversos povos. Assim, emergiram estórias que deram origem às lendas e mitos que conhecemos até os dias atuais. Em sua maioria, essas estórias traziam grandes façanhas realizadas por diferentes povos e ressaltavam as forças dos seus guerreiros. Além disso, tinham em si vários aspectos do sobrenatural e também do maravilhoso. Monstros e homens disputavam espaço nessas narrativas as quais causavam espanto a quem as ouvia.

As lendas estão ligadas à história da humanidade, pois se misturam, até certo ponto, com a nossa própria história. Os fatos e os seres presentes nessas narrativas, de certa maneira, representam alguns aspectos da consciência humana: é nelas que encontramos vários reflexos da nossa psique. Essas narrativas simbolizam o inconsciente da coletividade, expõem nossos medos e desejos mais ocultos. E são veículos de uma imensa gama de ensinamentos. Para Bayard (2002), as lendas trazem consigo vários princípios, os quais nos ensinam e fascinam. Esses fenômenos fazem com que essas narrativas persistam ao tempo.

Essas histórias fazem parte do processo de desenvolvimento das mais diferentes civilizações e, com elas, atualizam-se. Embora se tenham passado centenas de anos, as temáticas são atemporais. De acordo com Bayard (2002, p.12) “a lenda existe desde a formação do clã, da sociedade e os temas se desenvolvem com preocupações semelhantes em todas as culturas”. Além disso, descobrir suas autorias é praticamente impossível, devido às incontáveis modificações pelas quais essas narrativas passaram. Ademais, o próprio gênero Lenda foi se metamorfoseando. Segundo Bayard (2002), as lendas eram uma coletânea da vida dos Santos que eram lidas nos refeitórios dos conventos. Além disso, com o passar do tempo, ingressaram na vida profana, levando-lhes a evoluírem e se embelezarem. Assim, as lendas percorreram um longo caminho até chegar à modernidade, e, ainda hoje, essas histórias alimentam o imaginário popular.

O gênero lenda não é apenas um produto da fértil imaginação do homem. Ele é repleto de singularidades, isso desde sua gênese: é nessas histórias que encontramos verdades e ensinamentos, que, embora sejam envoltas ao sobrenatural, trazem-nos explicações plausíveis para grandes mistérios ao nosso redor, como os diversos fenômenos naturais que impressionaram nossos antepassados. Com a capacidade cognitiva suficiente, o homem tratou, logo, de criar explicações místicas para cada fenômeno que o cercava. Essas narrativas não são apenas histórias jogadas ao vento, são traços integrantes das mais diversas culturas, dos mais variados povos.

A literatura oral é composta por diferentes gêneros. A lenda, pela sua historicidade, é uma das principais fontes de divulgação da cultura e dos costumes de uma comunidade. Outros gêneros orais tais como o mito, os provérbios e “causos” também exercem um papel de destaque no que diz respeito a manter viva a cultura e a tradição dessas mesmas comunidades. Assim, esses gêneros, juntamente com outros aspectos, constroem o folclore. De acordo com Fernandes (2003, p. 39):

[...] o folclore propunha-se estudar os modos de ser, de pensar e de agir peculiares ao " povo", por meio de fatos de natureza ergológica, como técnicas de trabalhar a roça, ou manipular metais, de transporte ou de esculpir objetos etc., e de natureza não material, como as lendas, as superstições, as danças, as adivinhas, os provérbios etc.

Cada povo, através do seu folclore, busca mostrar os seus costumes, suas crenças e sua força. E é por meio das suas histórias que podemos encontrar tudo isso.

As lendas são verdadeiras fontes de compreensão das comunidades. Os enredos, os personagens, tudo nessas narrativas têm uma representatividade.

Existem milhares de lendas em todo o mundo, cada qual com suas personagens e enredos. Catalogá-las seria praticamente impossível, não apenas pelas incontáveis histórias, mas, também, devido as várias versões de uma mesma narrativa. Muitas vezes, existem centenas de relatos de uma mesma criatura, porém com diferentes formas. Isso ocorre em razão da localização geográfica dessa história. Contudo, há um fato interessante no que diz respeito às lendas: existem certas narrativas que trazem consigo personagens com uma espécie de fixação local. Como, por exemplo, a *lenda do Bigfoot, Yeti, ou Pé-Grande*, a qual faz parte do imaginário do povo norte-americano, não estando presente em outras partes do mundo, dando, assim, um ar de exclusividade à região.

No Brasil, temos uma vasta produção cultural, são várias as formas pelas quais o brasileiro expressa sua identidade como povo. Da oralidade à literatura escrita, encontramos as mais diversas formas de expressão cultural, constituindo, assim, o seu folclore. Fato este ocorre em todo o mundo, onde as junções de diferentes formas de expressividade constituem a sua própria identificação sociocultural. As lendas do folclore brasileiro refletem os costumes nacionais. Em cada narrativa encontramos um pouco da própria história, de sua formação como país e como nação.

A construção sociocultural brasileira, embora seja bastante variada, resultou do encontro de três principais grupos étnicos: os indígenas; os europeus e os africanos. As principais expressões culturais que observarmos hoje são heranças desses povos. De acordo com Pinto (1986, p. 20), “o descobridor português, chegando ao Brasil, aqui encontra a cultura indígena, do habitante da terra e, posteriormente, entra em contato com a cultura Africana, cujos elementos foram trazidos pelos próprios portugueses [...]”. Sendo assim, a composição étnica brasileira formou-se a partir desse fenômeno. E como já sabemos, as lendas refletem todo o processo de desenvolvimento do homem.

As lendas do folclore brasileiro foram construídas a partir dessa miscigenação cultural, entretanto, deve-se aos portugueses uma maior parcela nesse processo de formulação dessas histórias, pois eles trouxeram consigo além da sua própria cultura, outras tantas. Segundo Pinto (1986, p. 21), “muitas lendas e mitos foram trazidos da Ásia, da África e incorporados aos que já havia em Portugal”. Conseqüentemente, ao chegarem ao Brasil, essas histórias foram divulgadas e compartilhadas,

principalmente, devido às inúmeras expedições em direção ao interior do país. “O português, batendo todo o Brasil com seus sapatos de bandeirantes, carregavam, em maior porcentagem, seus mitos, herança inarredável e perpétua [...]” (Cascardo, 1976, p. 49). Junto à violência com que os europeus realizavam a exploração e a conquista do território, iam também as histórias fantásticas de seu folclore. Assim, suas lendas alimentavam o imaginário local. De acordo com Pinto (1986, p. 21), “[...] esta incorporação se deu graças ao povo que acreditou, concedeu anexações, aceitou convenções, pois a crença é fundamental para a formação de lendas e mitos”.

Das aldeias mais remotas aos grandes centros urbanos temos, no Brasil, centenas de lendas as quais passam por um processo de atualização constante, principalmente, devido às mudanças que ocorrem nos costumes brasileiros, que acabam refletindo-se nessas narrativas. Temos no folclore nacional uma enorme gama de histórias que trazem no seu bojo uma imensa variedade de narrativas e criaturas sobrenaturais. De norte a sul, são relatados diversos encontros com esses seres. A bem da verdade, há certas criaturas que alimentam e apavoram o imaginário popular dos quatro cantos do país.

Existe, portanto, uma migração de certas lendas no próprio território brasileiro, sendo possível ouvir histórias que trazem um único personagem apresentado das mais diversas maneiras, e tendo variada significação. Segundo Cascardo (1976, p. 49), “nenhum Saci Pererê, ignorado no norte e nordeste, nenhum caapora, pouco definido em São Paulo e Minas Gerais, pode aceitar o desafio de medir-se com o lobisomem que trota, cada sexta-feira, por todos os estados do Brasil [...]”.

As formas de contato com essas histórias são as mais diversas, sejam contadas pelos mais velhos, em rodas de conversa, ou na própria literatura escrita. Aliás, no Brasil existem várias obras que se tornaram verdadeiros clássicos no que diz respeito a essa temática. Destacam-se, entre elas, *Lendas brasileiras* e *Lendas Brasileiras para jovens*, ambas do mesmo autor: Luís da Câmara Cascardo. Além de *Lendas e Mitos do Brasil*, de Theobaldo Miranda Santos. Entre outras voltadas principalmente para o público infantil, cabe citar *Lendas Para Crianças*, obra de Maurício de Souza.

A tradição de contar histórias como essas é um costume presente principalmente nos interiores do Brasil, onde a vida é pacata e mais próxima à natureza. Embora a tecnologia esteja atingindo cada vez mais essas comunidades, as lendas ainda sobrevivem, e ainda são contadas e recontadas. Contudo, nos grandes centros urbanos ainda há, sim, uma espécie de sobrevivência dessas

narrativas, chegando essas localidades ao ponto de terem suas próprias lendas, ou adaptações das já existentes. Aliás, foram surgindo, com o passar do tempo, subgêneros. É o caso das lendas urbanas, que circulam nas grandes cidades, principalmente pelos meios digitais. “As lendas urbanas são narrativas coletivas carregadas de efeitos de verdade e de apelo à autoridade que fazem ponte do conhecimento popular e da cultura informal” (Dion, 2008, p. 1). Embora a modernidade tenha, de certa forma, diminuído a credence em estórias de cunho sobrenatural, ainda há, sim, uma certa influência no imaginário do homem da cidade.

Tanto as lendas tradicionais como as urbanas contêm certas características similares, porém, é de suma importância destacar que estas últimas trazem nas suas estórias personagens diferentes das tradicionalmente conhecidas: não temos, por exemplo, lobisomens ou mulas sem cabeça urbanas. Estes são substituídos por fantasmas e serial killers, como narrado na lenda da *Loura do banheiro* e do *Papa figo*, ambas muito difundidas nos meios digitais. De acordo com Dion (2008, p. 4)

Enquanto as lendas tradicionais são transmitidas essencialmente pela oralidade e em atmosfera geograficamente limitada na sociedade tradicional, as lendas urbanas, ao contrário, são transmitidas em escala mundial através da imprensa, do telefone, da Internet e das fotocópias [...].

Independentemente da forma pela qual as lendas são contadas, este gênero é, até hoje, um dos principais responsáveis pela sobrevivência da cultura de inúmeras sociedades e o compartilhamento de conhecimentos entre gerações.

Sendo assim, as lendas não são apenas estórias jogadas ao vento, são expressões imaginativas da cultura e da capacidade humana em criar e recriar narrativas. Há centenas de anos são transmitidas nas mais diversas sociedades ao redor do mundo. É um gênero repleto de nuances e que sobrevive à era tecnológica, contadas e recontadas à maneira do seu intérprete.

2.1 LENDA OU LEGENDA?

A distinção conceitual entre lenda e legenda não é uma tarefa simples. Não há, até mesmo entre os pesquisadores da área, uma consonância sobre o tema. Logo, será possível observarmos autores que deixam claro que há, sim, uma distinção.

Outros, porém, não fazem questão de diferenciá-las, considerando-as com a mesma origem etimológica. Mais adiante, apresentaremos alguns dos aspectos que podem gerar esse fenômeno. Todavia, observaremos, também, aspectos que, embora sutis, podem ser suficientes para que se considerem gêneros divergentes.

Existem diversos fatores que levam a autores considerarem Lenda e Legenda como sinônimas. Bayard, na sua *História das Lendas*, não faz distinção alguma. Aliás, o autor traz, na sua obra, a mesma conceituação para ambas as narrativas: “o que deve ser lido” (2002, p. 10), ou seja, de acordo com autor, são palavras que possuem a mesma origem etimológica. Para Bayard (2002) os fatos narrados, por si mesmos, não são suficientes para afirmar que são gêneros diferentes. Sobre isso, ele nos diz que, no início, as lendas formavam um conjunto de narrativas religiosas, que posteriormente foram transformadas pela tradição, e passaram a representar o produto do inconsciente popular. Ou seja, embora as narrativas tivessem passado por mudanças, continuam sendo o mesmo gênero.

Em contrapartida, esta visão não é absoluta. Como já citado anteriormente, encontramos, por exemplo, outras interpretações, tais como a de Jolles (1977, p. 30) na sua obra *Formas Simples*, na qual ele aborda, no seu primeiro capítulo, o gênero Legenda. De acordo com o autor, o motivo que o levou a abordá-la, foi:

A primeira forma por mim escolhida é a legenda porque aparece num setor determinado da cultura ocidental e se apresenta como um todo bem delineado; refiro-me aqui à legenda cristã sob a forma que adotou e conservou na igreja católica, desde os primeiros séculos da nossa era até os dias de hoje. Não a consideramos, pois, na totalidade dos aspectos que pode ter nem na sua generalidade, mas, antes, num tipo acabado de realização particular.

Logo, o autor não discute, na sua obra, as histórias lendárias existentes à época, mas sim, a Legenda, esta como um gênero à parte. Aliás, Jolles (1977) frisa que a palavra Legenda surgiu na obra *Legenda Sanctorum* ou *Legenda Aurea*, composta no século XIII, de autoria do bispo italiano Jacobus de Varazzo. A obra apresenta uma compilação da vida de vários Santos da igreja católica e tinha o propósito de apresentar, aos leitores da época, os bons exemplos, dados pelos Santos, em vida, e que buscassem o mesmo, seguindo, para isso, os dogmas da igreja.

Desta forma, embora seja possível uma compreensão que tanto lenda como a legenda sejam um único gênero, principalmente pelas suas similaridades, também é notório que, há sim, certos pontos responsáveis por distingui-las. Assim, buscaremos utilizar a ótica contemporânea de ambas as narrativas, e analisar como essas estórias se apresentam atualmente e como podemos diferenciá-las. Para tanto, iremos, inicialmente, nos atentar à lenda.

As lendas, como as conhecemos, são narrativas misteriosas imersas no sobrenatural, e que, por vezes, misturam-se à realidade. Existem centenas de estórias desse tipo nas mais diversas partes do mundo, cada qual com suas especificidades. Mas, em geral, todas possuem aspectos semelhantes, aliás, são esses detalhes que as caracterizam como gênero Lenda. Como já sabemos, essas narrativas são bastante divulgadas através da oralidade, nos mais amplos espaços geográficos. Nelas temos os mais variados enredos, na sua maioria, repletos de seres sobrenaturais que se misturam com a realidade, dando, até mesmo, um ar fidedigno a elas. Ou seja, nas lendas temos uma relação direta entre o real e o imaginário. Aliás, muitas vezes, são essas estórias as responsáveis por trazerem a historicidade de vários lugares e seus respectivos povos.

Para exemplificarmos, vejamos um fragmento de uma estória clássica do Nordeste brasileiro, a qual encontramos no Ceará. A lenda *A cidade encantada de Jericoacoara*, também presente na obra *Lendas Brasileiras*, de Luis da Câmara Cascudo (2003, p. 39):

Dizem alguns habitantes de Jericoacoara que, sob o serrote do farol, jaz uma cidade encantada, onde habita uma linda princesa. Perto da praia, quando a maré está baixa, há, uma fuma onde só pode entrar de gatinhas. Essa fuma de fato existe. Só se pode entrar pela boca da caverna, mas não se pode percorrê-la, porque, dizem, é fechada por enorme portão de ferro. A princesa está encantada no meio da cidade que existe além do portão. A maravilhosa princesa está transformada numa serpente de escamas de ouro, só tendo a cabeça e os pés de mulher. Diz a lenda que ela só pode ser desencantada com sangue humano.

Observarmos, neste fragmento, traços típicos do gênero Lenda. Temos nesta estória uma narrativa fantasiosa que, por força da tradição, foi transmitida por meio da oralidade. Temos nela diversas características do sobrenatural, tais como: seres

fantásticos, metamorfoses e as credences populares que se misturam à realidade, por trazer aspectos reais da região.

Contudo, quando nos referimos às legendas, temos que ter em mente alguns pontos, que, embora sutis, são necessários para diferenciá-las das lendas. Um dos principais traços típicos das legendas é o fato de que, via de regra, essas narrativas são vinculadas às histórias de vida de indivíduos que são considerados santos pela concepção católica. Quando essas narrativas trazem tais histórias, o mais apropriado é que se utilize o termo legenda, ao invés de lenda, já que os fatos narrados são de cunho religioso; embora esse posicionamento não seja unânime para todos autores consultados.

Veremos, a seguir, um pequeno fragmento da legenda de São Francisco de Assis, retirada da obra *Legenda Maior*, de autoria do teólogo, São Boaventura, publicada pela primeira vez em 1263.

Havia na cidade de Assis um homem chamado Francisco. A sua memória é abençoada, por quanto Deus, depois de o ter enriquecido de bênçãos preciosas, misericordiosamente o retirou dos perigos deste mundo e o cumulou abundantemente de dons da graça. A idade juvenil, com efeito, passou-a no meio de frivolidades, em companhia de outros jovens igualmente frívolos. [...]. No entanto, com o auxílio do alto, nunca se deixou arrastar pela concupiscência da carne – apesar de viver no meio de uma juventude libertina e de ter um feitio folgazão – nem por outro lado, apesar de interessado nos lucros, se apegou ao dinheiro e as riquezas, embora vivendo no meio de negociantes avarentos. No íntimo da alma do jovem Francisco notava-se de facto uma generosidade extrema para com os pobres, a qual constituía por certo uma dádiva do céu. (Boaventura, 2021, p.12).

Temos, portanto, uma clássica narrativa religiosa, uma típica legenda católica, passagens que trazem a relação do homem com Deus, e busca mostrar, por meio de exemplos aos leitores como viver em harmonia com o divino.

Encontramos neste fragmento características do gênero legenda. Embora haja uma presença do sobrenatural, assim como ocorre nas lendas, essa presença não se trata de eventos assombrosos, tampouco o surgimento de criaturas míticas, mas sim um toque divino nas escolhas do homem. Podemos chegar à conclusão de que: ao passo que as lendas sejam narrativas pautadas no sobrenatural, principalmente no que diz respeito a criaturas e metamorfoses, o que as põe em incredulidade, as legendas buscam expor histórias reais, seres reais, embora ocorram, nesse tipo de narrativa, fatos que são, no mínimo, duvidosos.

2.2 LENDA OU MITO, HÁ DIFERENÇA?

Embora mito e lenda sejam gêneros, até certo ponto, semelhantes, ao ponto de até mesmo alguns autores os considerarem sinônimos, é de suma importância apontarmos, aqui, algumas possibilidades de distingui-los. Contudo, este objetivo não é algo fácil de alcançar, já que existem mais trabalhos que têm como objeto de pesquisa o gênero Mito que o gênero Lenda. Desta forma, a conceituação e compreensão desses gêneros se tornam, de certa maneira, algo complexo, até mesmo para seus principais pesquisadores.

O mito, em especial, é analisado por inúmeras perspectivas, não ficando restrito apenas à ótica da crítica literária. De acordo com Vasconcellos (1998, p. 8) “os estudiosos podem tentar analisar os mitos como forma primitiva de explicação racional do universo, como ciência ingênua e rudimentar; outros podem vê-los como projeção de nossa vida inconsciente, etc.”. Considerando a evolução dessas abordagens, Eliade (1972, p. 2) diz que:

Há mais de meio século, os eruditos ocidentais passaram a estudar o mito por uma perspectiva que contrasta sensivelmente com a do século XIX, por exemplo. Ao invés de tratar, como seus predecessores, o mito na acepção usual do termo, i.e., como “fábula”, “invenção”, “ficção”, eles o aceitaram tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, onde o mito designa, ao contrário, uma “história verdadeira” e, ademais, extremamente precisa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo.

Quando nos referimos à mitologia, é praticamente impossível não recorrermos aos mitos gregos. Para Vasconcellos (1998, p. 8):

Os mitos gregos estão por toda parte ainda hoje. Estas narrativas, que um dia povoaram não só a imaginação como também a vida cotidiana de todo um povo, perduraram no tempo e ainda hoje fascinam escritores, cineastas, escultores, psicólogos, antropólogos, etc. etc. Pode-se fazer delas o uso mais variado, mas é curioso que guardam, em si mesmas e por si mesmas, um interesse inabalável para os leitores comuns, pessoas que sempre sentirão prazer em mergulhar na poesia de deuses nada perfeitos, cheios de defeitos muito humanos, ninfas que definham de amor por mortais, heróis que redimem a humanidade, vozes encantadoras de sereias, monstros brutos de um olho só, derrotados pela inteligência do homem.

Contudo, nosso objetivo, aqui, não é discutir os mitos gregos, já que esses são tipos do gênero aqui abordado. Aliás, veremos, a seguir, como podemos construir uma classificação para os mitos em geral, levando em conta a sua natureza, assim como também sua formulação.

Podemos, grosso modo, classificar os mitos em duas categorias; são elas: os mitos cosmogônicos e os mitos de origem. Ao passo que a primeira busca, em suas narrativas, oferecer uma explicação mítica para o surgimento do universo; a segunda procura descrever eventos que ocasionaram o surgimento de local, povo, ou uma tradição. De acordo com Cruz (s/d, p. 2).

Os mitos cosmogônicos apresentam uma série de diversidades, mas suas estruturas são semelhantes, ou seja, são triádicos. Eles partem de um mesmo ponto unitário original, de onde emergem em dois elementos que se contrapõem, um ativo (masculino) e o outro passivo (feminino). Esta contraposição de elementos [...] se repete em todos os seres do cosmo [...].

Como exemplo, podemos destacar a mitologia nórdica, a qual traz, pela sua ótica, a criação do universo.

No que diz respeito à segunda classificação, de acordo com Highwater (1992, p. 4 *apud* Ceccarelli, 2007, p. 4) “os mitos de criação, considerados os mais sagrados, pois constituem a base sobre o qual assentam-se os posteriores, trazem consigo uma mensagem, explícita ou implícita sobre a origem do homem [...]”. Esses mitos explicitam a origem do homem e sua relação com o mundo a sua volta, e, principalmente, com o sagrado. Ainda sobre isso, Ceccarelli (2007, p. 4) afirma que esses mitos narram “a maneira como o homem foi criado – a partir da argila, da madeira, de algas, saindo das entranhas da terra, caído do céu e outras tantas”. Além disso, “as particularidades de sua origem será determinante para seu futuro” (p. 4). Um exemplo clássico de mitos de criação é a estória que narra a fundação de Roma, a qual, segundo a mitologia romana, teve sua origem a partir dos irmãos Rômulo e Remo que, abandonados pelos pais, foram achados e alimentados por uma loba.

Chegamos, agora, a um ponto crucial: afinal como podemos realmente distinguir as lendas dos mitos, já que são narrativas com aspectos tão parecidos? Uma distinção feita a partir de conceitos não seria o mais eficiente já que trazem descrições que, por si mesmas, não são suficientes para diferenciá-las. Sobre a conceituação do gênero mito, Coelho (2003, p. 11 *apud* Almeida, 2018, p. 36):

Nos trabalhos de vários mitólogos e comentaristas a respeito do seu significado, ele é considerado com o sentido básico de “palavra”, de “enunciado verbal”, podendo traduzir-se, de acordo com o contexto, por “discurso”, “oração”, ou “fala pública”, “conversa”, “discussão filosófica”, “conselho”, “ordem”, “tema de um colóquio de uma exposição”, “relato confirmado por testemunhos”, “mensagem”, “conto”, “narrativa fabulosa”, “apólogo”, “argumento ou trama” e “estória sagrada”. Já o verbo “mythéo” significa “falar, conversar, narrar, nomear, fazer um relato fantástico”. Tanto no substantivo quanto no verbo aparecem, portanto, o conceito de “narrativa” ou “relato fabuloso e fantástico”.

Como é possível observar, se levarmos em conta somente o aspecto conceitual, tanto o mito, como a Lenda se confundem. Vejamos o conceito de lenda apresentado por Lacerda (2015, p. 4):

as lendas fazem parte do nosso Folclore e são narrativas breves, orais ou escritas, que contam fatos fantasiosos, nos quais, geralmente, o personagem central é assustador, perigoso, guerreiro, santo ou ser sobrenatural que encanta ou amedronta.

Portanto é evidente as similaridades presentes ao descrever os respectivos gêneros. Em vista disso, nossa análise levará em conta não somente o conceito, mas sim sua construção e função como gênero. Logo, ao analisar por essa perspectiva, será mais fácil determinar a qual gênero pertence determinada narrativa. Assim, discutiremos mais sobre a construção de cada gênero, buscando distingui-los.

Tanto o Mito como a Lenda ainda estão no nosso dia a dia, embora bem diferentes de outrora, mas ainda exercem certas influências no nosso viver. Nesse ponto, é importante destacar que a lenda perdura na modernidade, pois sabemos que as explicações míticas, em determinado ponto da história, foram sendo substituídas por comprovações científicas, ou seja, o que antes tinha sua origem conferida aos deuses, hoje é simplesmente associado a aspectos naturais; ao passo que a lenda não traz explicações, mas sim, narrativas de certos episódios que, até certo ponto, são verdadeiros. Com relação a essa distinção, Almeida (2018, p. 38) nos diz que “a primeira narrativa irá tratar de fenômenos atemporais, não explicados pela lógica humana, já a segunda, a lenda, tem sua origem em acontecimentos reais que, com o tempo, foram se modificando e se distanciando do fato que a originou”.

Podemos, assim, chegar à seguinte conclusão: os mitos e as lendas diferem pela sua constituição, suas histórias são parecidas, contudo, não podemos comprovar a factualidade dos primeiros, como é o caso dos mitos gregos já citados anteriormente. Não iremos encontrar nada além da poderosa construção do imaginário desse povo que criou suas próprias histórias que trazem deuses e heróis, como é caso das clássicas façanhas de um dos personagens mais conhecidos da literatura mundial, o herói Hércules.

Nas lendas (particularmente as legendas) temos muito do imaginário, porém sua base tende à factualidade histórica. Vários povos buscaram, através de suas próprias histórias, explicar fatos que realmente aconteceram, embora, para isso, utilizassem do seu engenhoso imaginário. Para exemplificarmos, temos uma das histórias mais significativas do folclore brasileiro: a lenda do boitatá, personagem épico nacional, o qual se apresenta como uma grande serpente em fogo, que protege a natureza diante das ações maléficas do homem. Esta lenda é uma versão, sobrenatural, que explica um fenômeno natural, conhecido cientificamente como fogo-fátuo, uma espécie de chama azulada que surge em superfícies de cemitérios e pântanos, que logo após some sem deixar rastros. Segundo Cascudo (2012, p. 131) “o fogo-fátuo é um tema universal no folclore e não há país que desconheça narrativas que procuram justificar-lhe a corrida noturna e coruscante”.

Observamos, portanto, que, para compreender e diferenciar esses dois gêneros, podemos, como estratégia, analisar o que está por trás de cada narrativa. Ou seja, se os fatos narrados são puramente fictícios, trata-se de Mitos; ao passo que, se temos na história traços de eventos reais, são definitivamente Lendas.

3 LENDA DO LOBISOMEM: A ORIGEM

Neste capítulo, iremos discutir acerca do surgimento e da disseminação da lenda do lobisOMEM, estória amplamente divulgada e presente em várias culturas. Ademais, discorreremos sobre as diferentes formas que ela se apresenta, e de que maneira alguns autores a trazem nas suas obras. Para isso, abordaremos além de sua historicidade, a sua conservação na atualidade.

A estória que traz a metamorfose de homem em um ser lupino é extremamente antiga. Talvez seja uma das lendas mais antigas que conhecemos. Tamanho é o interesse do homem por essa narrativa, que cuidou, com o transcorrer do tempo, em criar e recriar mais versões para ela. Não há quem desconheça essa criatura meio homem, meio lobo, que aterroriza homens e mulheres nas mais diferentes partes do mundo. Das civilizações mais antigas às sociedades mais vanguardistas, a lenda ainda sobrevive no imaginário coletivo.

A sua origem não se pode fincar com uma absoluta certeza, já que devido às inúmeras versões existentes, têm-se, conseqüentemente, diferentes explicações para o seu surgimento. Segundo Cascudo (2000, p. 153), “o LobisOMEM nos foi trazido pelo colono europeu. Está em todos os países e épocas, com histórias espelhadas, sob nomes vários, registradas nos livros eruditos”. A versão mais aceita pelos pesquisadores dessa lenda remonta à mitologia grega, com o mito de Licaon. De acordo com Cascudo (2000, p. 153)

A tradição clássica é da Grécia. Licaon, rei da Arcádia, filho de Pélago, primeiro soberano da região, tentou matar Zeus, seu hóspede de uma noite. O Deus castigou-o dando-lhe a forma vulpina. Nenhum erudito conseguiu explicar a fábula. Nem mesmo esta se reduz a uma só versão. Noutras lendas Licaon fez um sacrifício humano e sua metamorfose significa a cólera divina. Também Licaon levou à mesa, onde Zeus era servido, carne humana. Ainda, segundo Pausânias, Licaon sacrificou um filho a Zeus no monte Licaeus. O final é idêntico. O rei se transforma, e para sempre, em lobo. Mas também o mito envolve a ideia de sacrifício humano. E antes de tornar-se lobo, já o soberano árcade tinha este nome, Licus, Luko, lobo.

Embora essa estória tenha surgido como um mito, foi como lenda que se perpetuou nos mais variados espaços.

Existem centenas de versões dessa lenda no mundo. São registradas variações nas mais diferentes formas, desde a própria narrativa, até mesmo em como ocorre a metamorfose. Sobre esse aspecto, Pinto (1986, p. 25) explana:

A metamorfose é comum nas lendas e mitos populares das regiões; é um recurso predileto destas. Alguém achou algo de extraordinário, de imaginativo que lhe feriu, lhe espicou a curiosidade e a fantasia e este artista anônimo achou a sua origem milagrosa seja animal, árvore ou pedra.

Ocorre que, em certas estórias, a metamorfose do homem ultrapassa sua capacidade de transformar-se em um lobo, partindo para outras espécies, tais como tigre, urso ou até mesmo cavalo. Esse fato dependerá da localização geográfica da lenda. Há, até mesmo, versões que trazem como personagem uma mulher, de acordo com Cascudo (2000, p. 160):

Na África a mulher se pode tornar hiena e pantera. Na China, loba. Na Armênia também, por penitência de pecado mortal. A penitência durará sete anos. O “espírito” faz cair sobre a pecadora uma pele de lobo. Tornada animal, a mulher sai à noite, devorando crianças, especialmente os próprios filhos, os filhos das irmãs, sempre na ordem decrescente do parentesco consanguíneo. Cada manhã, retoma a forma humana. Não há Lobisomem feminino nas Américas, pelo menos do meu conhecimento.

Porém, o autor frisa que esse aspecto é raro; na maior parte dessas estórias, tem-se como personagem principal um homem. Ademais, existem diferentes causas pelas quais o indivíduo possui essa capacidade, seja por castigo divino, ou por algum sacrilégio cometido por ele, ou por outros motivos alheios a sua vontade.

3.1 O LOBISOMEM

Comumente, o lobisomem é um ser de estatura elevada e tem traços lupinos, orelhas grandes, corpo coberto por pelos, com caninos e garras grandes. Ou seja, não se trata categoricamente de um lobo, é apenas semelhante a tal. Alimenta-se de carne humana, ou não, isso dependerá da versão contada. No Brasil, normalmente, a criatura se restringe meramente a atacar a vítima sem causar-lhe a morte. É um ser notívago, vagando, em especial, às sextas-feiras, em lua cheia, em lugares predeterminados. Contudo, isso dependerá da localização da respectiva lenda.

Não existe uma incumbência prevista para essa criatura; não há, portanto, um motivo real para sua existência. O Lobisomem não combate ou salva algo, sua existência se reduz apenas a cumprir o castigo recaído sobre si. De acordo com Pinto (1986, p. 42):

A ação do lobisomem, apesar de ser um fadário, um castigo que o indivíduo tenha de sofrer, porque normalmente fez o mal, não é uma ação de redimir pelo bem, o mal que praticou, mas é uma ação perversa, como se fora a sua predestinação praticar o mal; por isso o Lobisomem pertence à corte demoníaca.

Assim, o lobisomem percorre os mais distantes rincões, pelos campos, estradas e vilas, causando assombro por onde passa. Os cães correm e uivam, apavorados; os gados, soltos nos pastos, saem às pressas, temerosos de serem devorados. As galinhas agitam-se nos poleiros; homens e mulheres, ao cair do crepúsculo, recolhem-se às suas casas. Pois incube a essa criatura peregrinar nas mais diversas regiões à procura de uma vítima qualquer.

Mas de onde, e como surge o lobisomem? De qual forma essa criatura se manifesta? Existe um certo número de causas. Novamente as respostas estarão nas versões apresentadas. Conforme já citado, existem formas do porquê da metamorfose, seja por uma espécie de punição ou simplesmente por uma infelicidade do indivíduo. O primeiro motivo, por castigo, é a mais antiga. Segundo Cascudo (2000, p. 105):

A crença na metamorfose humana em lobo, por um castigo divino, atravessou séculos. Na Inglaterra, São Patrício transformou em lobo o rei de Gales, Vereticus, e São Natálio, na Irlanda, mandou que um homem ficasse lobo durante sete anos. Na Rússia a tradição era viva. A maioria dos lobos, cujas alcateias famintas uivavam nas noites geladas de dezembro, eram pecadores amaldiçoados por crimes cometidos na terra. Estavam cumprindo penitência e um dia voltariam à comunhão de todos os fiéis.

A versão que traz essa explicação está presente em várias regiões; até mesmo em um único país é possível observar essa diversidade. É o caso do Brasil, que apresenta estados em que encontramos, nas suas lendas, as duas causas para o surgimento dessa criatura.

A transformação por motivos não causados pelo indivíduo está presente na versão europeia da lenda. De acordo com Medeiros (2006, p. 39) conta-se que:

A lenda do lobisomem é europeia e conta que, da mulher que tiver sete filhas, o sétimo, se for menino, virá com a maldição da lua cheia, quando ele se transforma num animal semelhante a um grande lobo, mas que caminha nas patas traseiras e corre como um cão, tendo o corpo peludo. Quando ataca uma vítima, caso essa não morra, passa a transformar-se, também, em lobisomem. Volta ao normal ao cantar do galo, com as roupas rasgadas, o corpo cansado e gosto de sangue na boca.

Estória parecida encontramos na obra *Folclore nacional I festas, bailados, mitos e lendas*, do autor Alceu Maynard Araújo. De acordo com o autor: “Quando um casal tem sete filhos, todos do sexo masculino, precisa dar o mais novo para o mais velho batizar a fim de evitar que um deles se torne lobisomem”. (2004, p. 510). Ademais, destacaremos mais uma explicação para essa infelicidade, agora encontrada na obra *Lobisomem*, da autora Maria L. V. Ribeiro Pinto. Segundo ela “- É filho de um incesto; é filho do pecado de uma concubina com um padre; é filho de comadre e compadre; de padrinho e de afilhada” (1986, p. 35). É evidente, portanto, que existem incontáveis versões. Cada qual com seus pormenores. Como já sabemos, essa é uma das principais características das lendas, são criadas e recriadas constantemente.

Contudo, vale destacar que alguns aspectos estão presentes em todas as versões, como é caso da presença, obrigatoriamente, da lua cheia, assim como também a sexta-feira, que pode ser dia 13 ou não. Além da hora exata da metamorfose: à 00h:00. Ademais, outro ponto é o que diz respeito à criatura, que sempre será uma fera com traços caninos, ora um grande cão, ora um imenso lobo, ambos se mantêm eretos sobre as patas traseiras.

Discutiremos agora outro aspecto a respeito dessa criatura. Se há, na crença popular e na literatura, uma explicação do porquê da metamorfose, existem também as possibilidades de se extinguir essa sina. Embora o indivíduo não se mantenha como lobisomem por muito tempo, via de regra, somente no transcorrer da noite, já que “volta ao normal ao cantar do galo, com as roupas rasgadas, o corpo cansado e gosto de sangue na boca” (Medeiros, p. 39). É preciso muita coragem para aquele que pretende desencantar a fera. De acordo com Pinto (1986, p. 45-46):

O lobisomem suporta o fado até que alguém que dele se apiede, o machuque, ferindo-o, tirando-lhe sangue. Mas quem fizer isto, corre perigo mortal, pois o lobisomem não pode ver as unhas de alguém, porque fica irritado. E quem for arranhado por ele sofrerá o mesmo fado. Basta o menor ferimento que lhe cause sangue, para desencantá-lo.

Nessa versão, um simples ferimento à faca, foice ou apenas um canivete é suficiente para desencantar a fera. Porém, quem se dispuser a essa coragem, também estará sujeito a consequências fatais. Segundo Cascudo (2000, p. 164):

Mas é preciso ter cuidado com o Lobisomem que deixou seu destino. Desencantado, o Lobisomem fará todos os esforços para matar quem teve a coragem de enfrentá-lo e, enfrentando-o, identificá-lo diretamente. Com medo de ver divulgada a fama humilhante que o fará um réprobo, o Lobisomem quase sempre abate seu salvador com tiros de carabina, pedindo-lhe que acompanhe até a casa a fim de receber os primeiros sinais de sua gratidão imorredoura. Por isso nunca há certeza sobre a veracidade de determinadas pessoas terem sido Lobisomem. Quem lhes findou a “sina” já não existe para o testemunho definitivo.

O ferimento como solução para essa desventura está presente em boa parte das versões existentes. O que vai variar, em algumas, será o material, objeto utilizado, normalmente constituído de prata. Aliás, de acordo com a crença popular, o lobisomem somente morrerá caso seja ferido por bala de prata no coração.

Portanto, a lenda do lobisomem é constituída por vários aspectos que juntos constroem uma das narrativas mais propagadas da história. Embora apareça de várias formas, essa narrativa é atemporal. Encontramo-la nos mais variados espaços, seja nas mais longínquas comunidades, seja presente nas artes. Já que a lenda está presente não somente na literatura, mas também no teatro e na teledramaturgia, é o que veremos a seguir.

3.2 A LENDA DO LOBISOMEM EM VÁRIAS CULTURAS

A figura do lobisomem não está presente apenas na crença popular, ou na literatura. Essa figura é recorrente em outras formas de cultura. Essa narrativa é explorada em várias vertentes, da oralidade às grandes telas cinematográficas. A Lenda se apresenta de várias formas, ora nos formatos mais clássicos, ora em

versões mais contemporâneas. Dos livros ao cinema, tudo isso faz parte da expressividade cultural.

Não iremos abordar todas as vertentes culturais, apenas aquelas que são meios de representação do personagem lobisomem. Para tanto, abordaremos a presença desse ser em livros, em filmes e em músicas, já que constantemente essa figura se faz presente nas suas produções. Destacaremos, mais adiante, obras que trazem no seu bojo a sua representatividade.

Inicialmente, iremos observar a presença desse personagem em obras literárias: livros que trazem o lobisomem como constituinte do enredo, ora como personagem principal, ora como secundário. Nesse sentido, abordaremos a seguir produções nacionais e internacionais.

Destacaremos, primeiramente, um dos clássicos mundiais do campo da pesquisa sobre o lobisomem, que é a obra *Lobisomem - um tratado sobre casos de licantropia*, a qual apresenta uma abordagem teórica e acadêmica sobre essa criatura. Publicada em 1884, pela autora Sabine Barnig Gauld, traz pesquisas acerca de várias lendas e casos documentados sobre a licantropia. Outra obra, também teórica, mas dessa vez nacional, *Lobisomem*, escrito por Maria L. V. Ribeiro Pinto, em 1986, a qual traz uma historicidade da lenda, inclusive no Brasil.

No campo da literatura escrita, destacamos o romance *A hora do lobisomem*, lançado em 1982, por Stephen King, ambientado em uma cidadezinha assombrada por essa fera mortal. Tamanho sucesso fez a obra, que foi adaptada, em 1985, às telas do cinema.

No que diz respeito a obras brasileiras, citaremos três. A primeira, trata-se do romance *O coronel e o lobisomem*, publicado em 1964, pelo autor José Cândido de Carvalho: o lobisomem nessa obra aparece, não como personagem principal, mas sim como uma espécie de representatividade do folclore nacional no enredo. Seu protagonista, Simeão Furtado, afirma que já realizou embates com a criatura, assim como também com outros seres.

As obras seguintes são: *Menino de engenho* (1932) e *Fogo Morto* (1943) ambas de autoria de José Lins do Rego, que também trazem o lobisomem nos seus enredos. Na primeira, de forma mais secundária, onde os personagens imaginam que esse ser aparece na Mata do Rolo. Na última, o tema do lobisomem tem maior destaque, já que José Amaro, um velho doente e agressivo, com hábitos noturnos, é tido pelos moradores como sendo essa fera. Ademais, para finalizar temos uma narrativa mais

moderna, a *Fúria Lupina*, de Alfer Medeiros, publicada em 2010, que traz vários contos com essa temática, interligados entre si. Como já foi frisado anteriormente, são inúmeras as obras que poderiam ser mencionadas. Logo, o rol aqui apresentado é apenas exemplificativo.

Nas obras cinematográficas, o lobisomem está presente há muito tempo, seja nas mais simples produções, aos grandes sucessos do cinema mundial. Destacaremos aqui o filme *O lobisomem* lançado em 1941 pelo cineasta George Waggner, uma das mais antigas produções que aborda esse ser, que traz a história do personagem Larry Talbot, que após ser ferido por um lobo, inicia-se em seu martírio, metamorfoseando-se em lobisomem. Em 1981, John Landes lança *Um lobisomem americano em Londres*, um verdadeiro clássico. Os personagens David Kessler e Jack Goodman são dos Estados Unidos e vão em direção a uma pequena cidade na Inglaterra; lá, são atacados por uma fera. Jack é brutalmente assassinado e David sofre lesões que, posteriormente, são as responsáveis pela transformação do personagem em lobisomem.

São várias as obras cinematográficas internacionais com essa temática; contudo, também temos produções nacionais. A mais recente é o filme *As boas maneiras*, lançado em 2017, dirigido por Juliana Rojas e Marco Dutra. A obra traz a história de Ana, uma mulher rica e misteriosa, que se relaciona com um estranho, em uma noite de lua cheia, e descobre, posteriormente, que está grávida. Ela contrata Clara para ser a babá da criança, que antes mesmo de nascer já demonstra não ser um bebê normal. No decorrer do drama, tem-se a confirmação de que o menino é um lobisomem.

O lobisomem também se faz presente em outras produções televisivas nacionais, como na novela *Roque Santeiro*, dirigida por Agnaldo Silva. Exibida pela primeira vez na TV Globo em 1975, sofreu censura pelo regime militar, sendo exibida novamente apenas após 10 anos, em 1985. A trama traz o personagem Professor Astromar Junqueira, que é apontado como o lobisomem da história. Vale ressaltar que essa telenovela é a adaptação da peça *O berço do herói* (1963), de Dias Gomes. Ademais, salientamos que o personagem lobisomem só se faz presente na sua adaptação televisiva.

Outra telenovela brasileira na qual o lobisomem se fez presente foi *Saramandaia* (1976), também escrita por Dias Gomes. Sua primeira versão contou com a colaboração na direção de Walter Avancini, Roberto Talma e Gonzaga Blota.

O Lobisomem da trama é o personagem Professor Aristóbulo. A novela ganhou uma nova versão, exibida em 2013, contando, agora, com a direção de Ricardo Linhares. Essas produções nos mostram o quão esse personagem folclórico continua presente nas artes.

Essa figura folclórica também marca sua presença nas produções musicais. Destacaremos, no entanto, apenas algumas canções nacionais. Vejamos como esse personagem do imaginário universal é posto em um trecho da canção *O lobisomem*, do grupo Trem da Alegria (1991) dos compositores Paulo Massadas e Michael Sullivan.

[...] Naquela casa mora um cara esquisito que é de se estranhar
 O pelo dele vai crescendo, vai crescendo em noites de luar
 Deu meia-noite, uh, uh
 É sexta-feira, uh, uh
 É Lua cheia, uh, uh
 E sai na rua pra assustar
 Oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh
 Olha o lobisomem
 Oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh [...] (Trem da Alegria, 1991).

Essa música traz vários aspectos da lenda, como por exemplo, a presença da lua cheia, algo constantemente relacionado a essa criatura. Nela faz-se também referência à sexta-feira, dia apontado como o mais propício para a metamorfose. Isso mostra o quão esse personagem é fonte de inspiração para diversas produções. Vejamos mais uma, agora com um tom mais humorístico, a canção: *O lobisomem do Arvoredo* (1995), de composição de Mano Lima.

O lobisomem do Arvoredo
 Todo mundo tinha medo
 Foi meu pai que me contou
 Que, uma vez, ele posou
 E se topou com o bicharedo

Sexta-feira, Lua cheia
 Ele posou lá sozinho
 De repente, viu uma sombra
 Pois era uma lobisoma com seis
 Lobisominhos [...] (Lima, 1995).

Sendo umas das lendas mais antigas e enigmáticas, o lobisomem inspirou até grandes nomes da música nacional, como é o caso do cantor Zé Ramalho, que

compôs um clássico da música brasileira, a canção *Mistérios da meia noite* (1985), que foi tema de um dos grandes clássicos da TV brasileira – *Roque Santeiro*. Vejamos um pequeno trecho:

[..] Mistérios da Meia-Noite
 Que voam longe
 Que você nunca
 Não sabe nunca
 Se vão, se ficam
 Quem vai, quem foi...
 Impérios de um lobisomem
 Que fosse um homem
 De uma menina tão desgarrada,
 Desamparada, seu professor [...]
 (Ramalho, 1985).

Por fim, temos a canção *O Vira*, da banda Secos & Molhados, de autoria de João Ricardo e Luhli, lançada 1973. A letra é envolta ao mistério entre fadas e sacis; o lobisomem se apresenta como sendo um ser quase natural que interage com o meio e outros seres. Vejamos um trecho:

O gato preto cruzou a estrada
 Passou por debaixo da escada
 E lá no fundo azul da noite da floresta
 A lua iluminou a dança, a roda, a festa

Vira, vira, vira
 Vira, vira, vira homem
 Vira, vira
 Vira, vira lobisomem [...]
 (Secos & molhados, 1973).

É evidente, portanto, que essa estória não se restringe à cultura oral. O lobisomem rompeu as barreiras das diferentes formas artísticas, indo além do seu gênero de origem. Tornou-se, assim, uma espécie de figura notável no que diz respeito aos estudos culturais. Da literatura à música, o lobisomem sobrevive à modernidade.

4 LOBISOMEM NO BRASIL

Neste capítulo, iremos compreender como se deu a vinda da lenda do lobisOMEM ao Brasil. Como a versão lusitana dessa estória adentrou às novas terras e como essa narrativa foi se moldando com o transcorrer do tempo. Ademais, veremos como essa lenda chegou ao Ceará e quais aspectos desse estado influenciam no enredo. Por fim, observaremos como a Lenda do lobisOMEM aderiu à cor local do Cariri cearense, fazendo uma análise da lenda de Vicente Finin, a estória local do lobisOMEM.

No Brasil, a lenda do lobisOMEM foi disseminada há bastante tempo. Sua presença nas terras nacionais nos remete a uma época em que estávamos, ainda, em busca de um desenvolvimento como povo. Foi o português que, chegando às novas terras, cuidou de trazer suas principais tradições. E entre elas, encontrava-se essa fabulosa estória. Essa lenda está entre tantas outras que aqui chegaram com os europeus. São dezenas de exemplos de narrativas que ora foram introduzidas no nosso país, ora foram moldadas ao gosto lusitano. De acordo com Pinto (1986, p. 21)

Muitas lendas e mitos foram trazidos da Ásia, da África e incorporados aos que já havia em Portugal. Mas a constante elaboração popular transformou este material vindo de terras tão distantes. Assim pois chegaram, com o português ao Brasil descoberto, mitos de quase toda a Europa, que haviam passado, diversificados, ao fabuloso Lusitano.

Vários são os reflexos da cultura portuguesa nos nossos costumes nacionais. E, se hoje, essa criatura fantástica ainda alimenta nossa imaginação, foi porque um longo processo se deu para que essa lenda se mantivesse tão viva, mesmo diante de tantos anos.

A lenda foi trazida pelo português, contudo, o processo de divulgação dessa estória não foi tão simples, já que, desde a chegada dos Lusitanos em meados de 1500, a língua, por muito tempo, foi um entrave entre os exploradores e os nativos que aqui viviam. A história nos mostra que o diálogo entre esses dois povos era quase que inexistente, devido aos inúmeros embates travados à época, sendo um dos episódios mais lamentáveis da nossa formação como nação. Todavia, mesmo diante de tantos empecilhos, foi possível, sim, uma troca de conhecimentos culturais entre esses povos. Foi nesse momento que as estórias trazidas pelo homem branco se uniram às narrativas indígenas.

Os indígenas, antes mesmo de serem contatados pelo homem branco, já tinham sua própria cultura. Cultuavam e temiam seus seres sobrenaturais, assim como tinham suas próprias estórias. O explorador, ao ter esse conhecimento, buscou analisar quais eram elas, além de identificar quais eram os seres temidos pelos nativos. Segundo Cascudo (2000, p. 57-58),

Jurupari, o senhor do culto mais vasto, comum a todas as tribos, filho e embaixador do Sol, nascido de mulher sem contato masculino, reformador, de rito exigente e de precauções misteriosas, foi depressa identificado como sendo o Diabo. Cinquenta anos de catequese espalharam para Jurupari o renome satânico. Além das crianças ensinadas nas escolas, os catecúmenos, os índios de serviço, a população europeia, acordes em ver no velho deus indiano uma grandeza infernal, a multidão dos mestiços, mamelucos, curibocas, massa plástica, sugestionável e de imaginação ampla, divulgou o novo papel de Jurupari. No século XVII já o Filho do Sol, o Dona dos Instrumentos, o Senhor dos Segredos, evocado ao som dos maracás simbólicos, era, da cabeça aos pés e definitivamente, o Diabo, o Cão, o Belzebu, o Satanás, o Demônio.

Os indígenas tinham suas lendas da mata e suas próprias criaturas que percorriam as terras nativas. O curupira, personagem muito recorrente em várias regiões, faz parte dessa categoria de personagens clássicos da cultura nacional. É evidente, portanto, que embora a maior parte das lendas que circulam no Brasil sejam originárias de outros povos, temos sim nossas figuras nativas. As lendas que compõem nosso Folclore foram construídas com o transcorrer do tempo, tendo em sua constituição aspectos das mais variadas culturas. E a lenda do lobisomem não poderia ser diferente.

A estória dessa criatura foi amplamente divulgada pelo português, principalmente durante suas andanças pelos interiores da nova terra. A troca de saberes dos diferentes povos nessa época é um dos fatores que constituíram nossa identidade sociocultural. As lendas nacionais eram constituídas por estórias indígenas. Não havia, portanto, essa narrativa que trazia como personagem principal essa criatura lupina. O povo lusitano praticamente moldou suas lendas à nova terra. Conforme Cascudo (2000, p. 48),

O português plantou as estacas da fazenda de criar, do “sítio”, do “roçado”. Fez a família, multiplicou os mestiços, amou as índias e negras e fundou, com seu imenso abraço amoroso, a raça arrebatada, emocional e sonora. Cada noite, metendo os pés na terra fria, olhando

as estrelas claras, erguia a voz, contando estórias...Povoava a noite com seus assombros, os assombros que tinham vindo com ele nos galeões, com o Governador-Geral. Lobisomens, Mulas-sem-cabeça, Mouras-tortas, animais espantosos, cavalos-marinhos, zelações que furam a treva numa brusca chicotada de fogo, lumes errantes, gigantes, anões, mágicos, reis do mato, das águas e dos ares surgiam, evocados do mistério.

Já sabemos que a lenda do lobisomem tem centenas de versões ao redor do mundo. Contudo, no Brasil, a estória da qual temos mais acesso é predominantemente lusitana, ou seja, embora no país também haja dezenas de variações, ao analisá-las será sempre possível identificar traços em comum com sua origem portuguesa. Segundo Cascudo (2000, p. 161), “[...] em todas as cidades, vilas e povoados do Brasil, o Lobisomem tem sua crônica. Ninguém o ignora e raros serão os que não têm um depoimento curioso sobre a abantesma”. Além disso, de acordo com esse pesquisador, a explicação portuguesa ainda sobrevive até hoje, devido à força que a cultura portuguesa exerce sobre a brasileira.

Em cada estado, a lenda se apresenta com algum aspecto em especial. As culturas locais influenciam na construção do enredo, dando-lhe características individuais. O espaço geográfico age diretamente no como a estória será contada; o porquê dos fatos, além da inclusão dos seus próprios personagens. Cada região terá seu próprio lobisomem, ou seja, a lenda trará, a depender da sua localização, fatos contemporâneos que se anexam aos tradicionais e juntos formam a lenda local. Como já sabemos, essa criatura está presente em todo o território nacional. Em alguns lugares a lenda sobrevive em função da memória viva dos mais antigos; em outros, os próprios jovens buscam manter viva essa narrativa, seja pelo interesse cultural, seja pelo interesse econômico, já que em algumas cidades brasileiras as lendas fazem parte da cultura local.

Diante de tantos processos de modernização, a lenda do lobisomem não poderia ficar alheia. Essa narrativa passou a se apresentar de diferentes formas. Antes, os únicos meios de sua propagação eram a via oral ou escrita; agora, surge também nos meios digitais. A estória dessa criatura é explorada pelas diversas mídias digitais, principalmente por meio de vídeos e fotos de sua suposta imagem, como também pela divulgação de matérias com essa temática em sites e programas televisivos. Da mídia tradicional, a título de exemplo, podemos destacar uma matéria produzida pela TV jornal e divulgada no site *UOL*, em 2019, a qual narra que um

ônibus com estudantes teria sido atacado por uma fera que, segundo os próprios passageiros, seria um suposto lobisomem da região. O fato ocorreu em Lagoa do Mato, na zona rural do município de Panelas, Pernambuco. Esse é só um dos exemplos de notícias com essa temática que, ainda hoje, circulam na imprensa.

A estória do lobisomem é mais presente em regiões interioranas. Por esse motivo, embora em estados mais urbanizados ocorra o seu registro, a sua sobrevivência tende a ser complicada, já que ocorre muitas vezes, apenas no âmbito escolar, geralmente nas aulas de História. Contudo, ao relacionarmos essa lenda aos estados, especialmente, os da região Nordeste, é evidente que a lenda ainda está em destaque. Isso ocorre principalmente devido à persistência de aspectos das tradições locais e a sobrevivência de crenças que fazem parte do folclore. Ademais, costumes como reunir-se às noites para contação de histórias ainda não desapareceram nos interiores, onde o homem está mais distante da conturbada vida na cidade e o ambiente é propício para o imaginário que envolve criaturas assombrosas, como o lobisomem.

4.1 LOBISOMEM NO CEARÁ

No Ceará, a lenda se apresenta, na maior parte do seu território, semelhante às demais existentes em outras regiões do país. Todavia, há algo em especial no que diz respeito a como essa criatura se mantém viva no imaginário popular. Em todo o estado são registradas inúmeras versões da estória: da capital ao interior, o lobisomem, de tempos em tempos, reaparece, seja por supostos ataques a animais de uma determinada localidade, seja pela propagação de uma nova estória com esse protagonista.

Não é raro exibirem-se fatos da criatura pela imprensa local, pois sendo o cearense um povo com tanta credence, logo, esse fato seria refletido nos seus principais meios de comunicação. Se realizarmos uma breve pesquisa sobre a lenda do lobisomem em jornais e revistas locais, encontraremos um vasto material disponível. Além disso, alguns autores cearenses vêm colaborando para a sobrevivência dessa lenda através de publicações de obras. Vejamos, por exemplo, um pequeno trecho de como a escritora Maria Alzenira Rodrigues aborda a lenda no seu livro *Histórias de lobisomem*, publicado em 2018.

Minha avó sempre contava
histórias de lobisomem:
um homem que é quase lobo,
um bicho que é quase homem.
Segundo a lenda, o bicho
é o sétimo filho homem
que, na noite de sexta-feira,
se transforma em lobisomem.
Muitas histórias são contadas
de região a região.
Como exemplo, cito esta
que aconteceu no São João [...] (Rodrigues, 2018, p. 6-9).

A obra é direcionada ao público infantojuvenil, com o intuito de incentivar a valorização do folclore nacional e local.

No interior do estado é onde encontramos uma maior persistência da lenda. Inúmeras pessoas, ainda hoje, acreditam na existência do lobisomem. Não é raro nos depararmos com moradores dessa região que narram suas próprias histórias com essa fera e afirmam, categoricamente, serem verídicas. Ou seja, para elas, essa criatura não é somente uma lenda, mas sim um fato do qual elas próprias são testemunhas oculares.

Embora com menos frequência, os mais jovens, atualmente, ainda são influenciados por essa atmosfera sobrenatural, ao ponto de pensarem duas vezes antes de sair de casa às noites de lua cheia, no interior. Esse fato é mais comum nas zonas rurais, sobretudo em localidades mais distantes da zona urbana e sem contato com as novas tecnologias.

Existem algumas versões no interior cearense que, pela sua narrativa, se distinguem um pouco das mais conhecidas historicamente. Seja por um aspecto próprio daquela localidade, seja pela presença de um personagem em especial. São contadas e recontadas, a ponto de serem conhecidas por praticamente todos aqueles que residem na região. Muitas vezes essas histórias servem de motivação para a escrita de livros ou até mesmo a produção de filmes. Esse fenômeno, observaremos logo mais, ao analisarmos a principal lenda do interior do Ceará, o lobisomem caririense.

4.2 VICENTE FININ: O LOBISOMEM DO CARIRI CEARENSE

A estória do lobisOMEM se apresenta de uma forma peculiar na região do cariri, no interior do Ceará. A Lenda é conhecida praticamente em todos os municípios que compõem essa região. A estória do lobisOMEM se mantém bastante intensa no imaginário do caririense, principalmente daqueles mais velhos. Esse povo nutre suas crendices e busca manter vivas as suas tradições através das inúmeras formas de expressividades culturais. A contação de estórias como essas faz parte da estratégia de valorização do folclore local.

Sendo uma região imersa no sobrenatural, o Cariri conta com várias estórias assombrosas. São causos e lendas que provocam espanto nos ouvintes. Além disso, essas narrativas resultam da mistura cultural presente nessa região. Segundo Bezerra (2009, p. 04),

É perceptível no contexto histórico cultural a interpenetração dos mais variados elementos compondo assim um espaço multicultural povoado de aparições, seres fantásticos e assombrações que se integram ao espaço dos fenômenos, revelando os cruzamentos socioculturais, em que diversas visões de mundo convivem e se misturam. Nesse sentido a Região do Cariri é concebida como um espaço cultural heterogêneo formado por diversos elementos culturais que se imbricam refletindo lógicas múltiplas.

A lenda dessa criatura conservou-se através do tempo no Cariri, principalmente por envolver não um personagem fictício, mas sim, segundo alguns antigos moradores, um indivíduo real. Isso não significa que o lobisOMEM realmente existiu à época, mas sim que, diferentemente das estórias contadas em outras partes do país, a narrativa em questão possui fragmentos da realidade.

A estória do lobisOMEM no Cariri é oriunda da cidade de Barbalha, mais especificamente da zona rural desse município. Por lá, teria vivido, em meados do século XX, um senhor chamado Vicente Araújo, que, segundo os mais antigos, tinha a capacidade de se transformar em lobisOMEM. Esse suposto morador teria residido no distrito de Cabeceiras, e tinha a alcunha de Vicente Finin, devido a sua extrema magreza. Vale ressaltar que essa estória teve origem em uma época cheia de adversidades para o povo cearense, já que o Ceará passava por grandes problemas por causa das longas estiagens. O aspecto da seca é muito importante para essa versão da lenda, pois conjuntamente com outros fatores, redefine o enredo da estória.

Vale apontar que, embora a lenda tenha origem no município de Barbalha, a estória é conhecida em todo o território. Esse fato ocorreu devido a sua rápida propagação para outros municípios. Não é raro encontrarmos a mesma estória em outras localidades, principalmente nas mais próximas, tais como Juazeiro do Norte e Crato, nas quais é possível ouvirmos versões próprias; dificilmente iremos encontrar um caririense que desconheça a figura épica de Vicente Finin.

Ademais, é importante salientarmos que a região é muito rica no que diz respeito a estórias sobrenaturais. Até mesmo em Barbalha, berço do lobisomem caririense, temos inúmeras outras lendas, porém, entre tantas, a fera lupina mantém sua hegemonia. Talvez isso tenha ocorrido devido à influência da lenda no processo de educação familiar.

Para quem viveu a infância em meados de 1990, no Cariri, sentiu de perto o poder dessa narrativa; hoje, embora ainda seja possível ouvirmos a *lenda de Vicente Finin*, a estória está longe de ter a mesma força de outrora. Contudo, ainda existem várias tentativas de manter viva essa narrativa na região, como por exemplo a sua reprodução nos meios digitais, principalmente em plataformas como o *YouTube*. Nessa, por exemplo, é possível encontrar várias produções audiovisuais, tais como vídeos que reproduzem a lenda. Nessa mesma plataforma, iremos encontrar um curta-metragem intitulado *A lenda de Vicente Finin*, produzido em 2013, de autoria de Lamarck Dias, um jovem cineasta da região, que, com a colaboração da própria comunidade, buscou levar às telas a lenda do lobisomem do Cariri.

É importante salientar que o curta-metragem não foi produzido em Barbalha, tampouco o autor é de lá; pelo contrário, todas as cenas foram gravadas em Aurora, também na região do Cariri. O autor se baseou nas narrativas dos antigos moradores da região para sua produção.

Tudo isso mostra que *a lenda de Vicente Finin* tem um papel de prestígio na região do Cariri cearense, ultrapassando as barreiras do município de Barbalha, sendo compartilhada em todo o território do interior do estado. Ainda hoje é possível encontrarmos pessoas que afirmam que o lobisomem realmente vagou pelos rincões caririenses e que destacam que o personagem principal da estória, Vicente Finin, existiu de fato, e mais: ele realmente assombrou essas terras na forma de lobisomem. A contação dessa lenda teve, e ainda tem, vários propósitos, seja com o intuito de causar espanto nos ouvintes, seja como forma de transmitir ensinamentos que, por força da tradição nordestina, mostram-se mais valiosos.

O lobisomem, conjuntamente com outros seres extraordinários, ainda excita o imaginário do caririense, principalmente no cair da noite, quando o sertão se mostra imerso à áurea do sobrenatural. Adiante, iremos expor a *lenda de Vicente Finin*. Vale salientar que essa estória está registrada, quase em sua totalidade, na memória viva dos mais velhos, sendo a principal fonte para sua transmissão, fixação e preservação. Todavia, encontramos-la transcrita em sites do estado como por exemplo: *Ceará em fatos e histórias; O povo e o Cariri das Antigas*.

Segue abaixo a versão da *lenda de Vicente Finin*, escrita por Roberto Junior no site *Cariri das Antigas*.

Vicente Araújo, morador do Sítio Cabeceiras, era o dito lupino que assombrava nosso vale, e sua saga começou ainda na infância. Vicente não era o primeiro homem após sete mulheres, nem tinham pacto com o demônio, mas recebeu a maldição de sua mãe, contra quem ele cometeu imperdoável pecado. Reza a lenda que certo dia, enquanto ainda era molecote, Vicente recebeu a marmita do pai, para que a fosse deixar na roça.

A carne era um item escasso na mesa dos mais pobres, e naquele dia, a família de Vicente tinha dado a sorte de sobrar uns cruzeiros suficientes para comprar carne. Insatisfeito com a pouca porção do raro item que havia consumido, o jovem parou debaixo de uma árvore e comeu a cota de carne do pai. Chegando na roça, entregou a marmita e viu a decepção no rosto do destinatário, que não tinha encontrado a cobiçada proteína em seu prato.

Irritado, o pai de Vicente o indagou sobre a carne, e receoso da surra, o rapaz mentiu, dizendo ao pai que um homem desconhecido havia passado pela casa da família, e almoçado com sua mãe, que deu a carne reservada ao marido para o visitante. Tamanha mordomia, imaginou o marido, só poderia ser fruto de um caso amoroso, e largando a marmita, o homem marchou para casa. Naqueles idos, ainda imperava a danosa lógica de lavar a honra com sangue, e assim o sujeito fez.

Chegando na tapera, com Vicente em seus encalços, e após breve discussão com a esposa, o homem desferiu vários golpes de faca na mulher, que em suas agonias de morte, vingou-se da traição do filho, o condenando a vagar em noites de lua cheia, percorrendo as sete freguesias, sete encruzilhadas e sete campos santos (Cariri das Antigas, 2021).

4.3 O PROCESSO DE ATUALIZAÇÃO DA LENDA DO LOBISOMEM NO CARIRI

Bem distante de Licaon, na Grécia, Vicente Finin, no Cariri cearense, é o protagonista da principal lenda da região. Seria ele o verdadeiro lobisomem. Vicente não teria sido o sétimo filho homem após seis filhas mulheres; tampouco realizou algum pacto com o diabo. A estória, para o sertanejo cearense, se apresenta bem

diferente. Aqui, a lenda tem outras particularidades que, embora a criatura siga a forma tal como em outras versões, o porquê do seu martírio se distingue dos demais já tão popularmente conhecidos. Vicente não foi só mais um infeliz castigado, mas sim aquele que carregou sobre os seus ombros o resultado de sua ação impensável e imperdoável contra sua própria mãe, que o levou a essa pena aterrorizante.

Temos, portanto, um dos principais aspectos da lenda do lobisomem no Cariri, que a difere das demais versões já enraizadas em outras partes do Brasil: O respeito absoluto pelos pais. E no Nordeste, pela rispidez do homem sertanejo, a submissão diante dos pais é um preceito antigo que sobrevive ao tempo. Ou seja, o ato de mentir é uma prática imperdoável aos olhos da sociedade. Vicente Finin, embora ainda criança e sem entender muito bem sobre a vida, acabou praticando um dos atos mais desprezíveis: causar a morte da própria mãe. Essa, detentora de um domínio não apenas hierárquico, mas também psicológico, lançou-lhe a praga, dando início ao martírio de Vicente, o qual teria fim somente com sua morte.

Assim, a estória de Vicente Finin traz, entre seus principais ensinamentos, o que podemos considerar como sendo um dos mais relevantes, que se trata da obediência absoluta aos genitores. A lenda busca mostrar que atos como os praticados por Vicente podem ter consequências dramáticas, tal como se transformar em um lobisomem. A narrativa de cunho fantasiosa transmite às novas gerações os valores antigos e como era a educação familiar outrora. Ou seja, os pais detinham uma autoridade sólida diante dos filhos. Estes seriam duramente castigados quando caíam em desobediência. Agora, imaginemos o impacto de uma estória como essa para uma criança em pleno século XX, longe da avalanche tecnológica a qual temos acesso atualmente. Transformar-se em um lobisomem era algo possível, segundo as crenças populares, ou seja, o medo era real.

Logo, a lenda do lobisomem é contada no Cariri, não apenas como divulgação folclórica, mas sim como uma espécie de estratégia educacional familiar. Quem é da região certamente lembrará das seguintes expressões, deferidas, principalmente, pelos pais: “não se deve mentir para os pais, pois irá se transformar em lobisomem”, ou “irei chamar Vicente Finin para te levar”.

Já podemos imaginar o poder dessas palavras para um imaginário tão fértil como é o de uma criança. O perigo não era mais aquele velho lobo tão conhecido das histórias infantis; pelo contrário, o lobisomem era real e poderia estar à espreita, à espera de sua próxima vítima. Apesar da lenda dessa criatura entrar em nosso âmbito

escolar, durante as aulas sobre o folclore, esse clássico não traz tanto impacto como a sua versão local. Além disso, ao passo que os pais, detentores do mais alto prestígio, dão respaldo a essa estória, afirmando que sim, que o lobisomem existe, as crianças, assustadas com o exemplo que vem dessa narrativa, tendem a obedecer para que não sofram punições tais. Logo, a lenda ultrapassa a barreira do imaginário, ecoando na realidade, ajudando a controlar o comportamento infantil.

Além dessa perspectiva educativa, a lenda do lobisomem caririense traz muito dos costumes locais, a estória reflete a realidade do cearense na época. Ao analisarmos novamente a narrativa, notaremos que o que levou Vicente Finin a criar a inverdade sobre a sua mãe foi sua difícil realidade como uma pobre criança nordestina à mercê das inúmeras adversidades da época, incluindo-se as constantes punições que o menino sofria. Tudo isso é exposto na estória.

Sabemos que a educação familiar, com o transcorrer do tempo, foi se moldando à época, e no século XX, no qual supostamente se passou os fatos narrados, a rigidez no âmbito familiar era gritante. Agora imaginemos toda essa realidade em uma família pobre do campo, isolada no interior cearense. Portanto, a estória reflete mais a realidade do que parece. Por exemplo, na narrativa temos um espelho de como os pais se utilizavam de meios, até certo ponto severos, para educar seus filhos. Todavia, embora o menino tenha sido movido por situações desagradáveis para ele, isso não foi o suficiente para o livrar desse castigo sobrenatural. Ou seja, a lenda mostra a dura realidade vivida por Vicente, contudo, sua ação continua sendo imperdoável.

Encontramos, na estória, mais um aspecto da realidade do povo caririense na época: a fome. É possível observarmos que Vicente foi movido, além do sentimento de insatisfação com sua realidade, também pela fome, já que, na lenda, o menino devora toda a carne que continha na marmitta do pai, uma vez que o consumo de carne era algo raro, naquele tempo, principalmente para os mais humildes. O garoto viu, ali, a chance de saciar sua fome, embora, tenha se utilizado de artimanhas reprováveis. Nessa perspectiva, podemos aludir a outra realidade humana: diante da fome, o homem faz coisas impensáveis, e isso é posto na estória. Entretanto, nem a triste realidade de Vicente, tampouco sua fome, foram suficientes para amenizar sua sina.

Assim, a lenda do lobisomem do Cariri tem suas particularidades que se apresentam na sua versão, a partir do seu processo de atualização. Ao ouvirmos essa estória, podemos compreender um pouco da realidade do sertanejo. Vale ressaltar

que a versão local mantém aspectos da estória conhecida mundialmente, principalmente no que diz respeito à criatura lupina: essa se apresenta como já conhecemos em outras versões, como sendo um ser meio homem, meio lobo, que se transforma nas noites de lua cheia, momento ideal para atacar suas vítimas. O dia em que essa fera se apresenta nos rincões caririenses continua o clássico, as tão conhecidas sextas-feiras.

Esses aspectos foram destacados por autores que realizaram pesquisas acerca da lenda do lobisomem tais como Luís da Câmara Cascudo, que na sua obra *Geografia dos mitos brasileiros* apresenta um apanhado de informações sobre esse personagem, apontando as suas particularidades presentes em diferentes partes do mundo. Assim como a autora Maria L. V. Ribeiro Pinto, que corrobora com os estudos acerca dessa lenda, apresentando na sua obra *Lobisomem* diferentes versões da estória desse personagem em diversas partes do Brasil.

Entretanto, o principal ponto que distingue essa criatura local é o motivo pelo qual ocorre sua metamorfose: Não foi pacto demoníaco; Vicente, em momento algum, foi atacado por alguma fera, nem realizou um incesto. Sua sina iniciou-se a partir de sua ação diante dos pais, a fome e a insatisfação com eles, que o moveu para se concretizar como o lobisomem caririense.

Não estamos aqui para julgar até que ponto os fatos narrados dessa estória foram, ou não, reais. Cabe apenas ressaltar o quão a estória se moldou à região, aderindo seus traços para se concretizar como a principal lenda da localidade, tornando Vicente Finin como um dos principais personagens, representativo, do folclore cearense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lendas são reflexos da evolução do homem e, entre tantas estórias, a lenda do lobisomem se destaca pelas suas especificidades. No Cariri cearense, a lenda perpassa o tempo e continua cativando muitos curiosos. Assim, após anos lendo e ouvindo estórias como essas, e já estando na graduação em Letras, onde temos um contato maior com os estudos acerca das culturas populares, surgiu, então, a motivação para pesquisarmos *A lenda de Vicente Finin*, partindo, agora, de uma perspectiva mais acadêmica.

A estória do lobisomem pode ser trabalhada de diversas maneiras. Em razão disso, antes de chegarmos à conclusão quanto à abordagem, foram consultados vários trabalhos acadêmicos que já foram realizados utilizando essa temática. Em um primeiro momento, pensamos em realizar uma análise a respeito das influências das lendas e dos causos sobre as ações do homem contemporâneo. Porém, ao entrarmos em contato com inúmeras produções acadêmicas com essa temática, ficou nítido que se tratava de um tema muito amplo; logo, precisaríamos ser bem mais específicos. Por esse motivo, escolhemos a lenda do lobisomem, uma vez que se trata de uma das estórias mais conhecidas e pesquisadas. Assim, optamos por fazer uma análise sobre sua atualização.

Uma vez tomada essa decisão, surgiram algumas indagações, tais como: o que seria o gênero Lenda, e o que a difere da Legenda e do Mito? Vimos que seria necessário discutir esses conceitos, para melhor compreender suas semelhanças e distinções e enriquecer a fundamentação teórica deste trabalho. Utilizamos, para isso, os dicionários de Cascudo (2000) e Moisés (2004). Tal pesquisa nos possibilitou compreender melhor as diferenças e semelhanças entre lenda e legenda.

Surgiu, enfim, uma nova questão: por que a lenda do lobisomem ainda fascina o homem contemporâneo? Para respondê-la, buscamos expor o quão a estória é atemporal, e sua presença ultrapassa as suas formas clássicas orais e escritas, surgindo também em filmes e músicas. Trouxemos, para isso, exemplos de produções artísticas contemporâneas, que tomam como tema o lobisomem.

Conseqüentemente nos deparamos com mais uma indagação, a qual é considerada como foco principal deste trabalho: qual elemento difere a versão cearense das demais divulgadas em Portugal e em outras regiões do Brasil? Dessa forma, primeiramente salientamos o percurso dessa estória até sua versão local contada no Cariri cearense. Em seguida, apresentamos a versão local da lenda do

lobisomem: *A lenda de Vicente Finin*. Por fim, realizamos uma breve análise dessa narrativa, que apresenta um estilo mais contemporâneo, apontando as suas características próprias e suas semelhanças e diferenças com sua versão lusitana, ressaltando o quão essa lenda local influenciou, historicamente, a comunidade caririense. Visamos destacar a cor local nessa narrativa, a qual resgata e transmite os seus ensinamentos através dessa criatura fantástica, que está tão presente na cultura popular ocidental.

Ademais, é de suma importância destacarmos que *A lenda de Vicente Finin* está registrada quase na sua totalidade na memória dos mais antigos, sendo a principal forma de sobrevivência dessa estória. Porém, devido às diversas variações que podem ocorrer na contação dessa narrativa, achamos por bem fazer a análise de uma versão transcrita no site Cariri das Antigas, tendo em vista que a partir do texto foi possível fazermos a respectiva análise.

Esperamos que este trabalho venha ser uma fonte de pesquisa para futuros trabalhos acadêmicos e que possamos incentivar a realização de outras pesquisas que visem à valorização da cultura popular.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rossana Tavares de. **A transformação da mulher nas lendas indígenas da Amazônia**: percursos semióticos de sentido. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13076/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional I festas, bailados, mitos e lendas**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAYARD, Jean Pierre. **Histórias das lendas**. Ed. Ridendo Castigat Mores. 2002. E-book (n.p.). Disponível em: https://www.academia.edu/9682608/Historia_das_Lendas_Bayard_Jean_Pierre. Acesso em: 06 out. 2023.
- BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire Bezerra. Assombração do Cariri: o imaginário popular como elemento de reflexão histórica. **XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, p. 01-09, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772191_af5027db38841eedd8528c5f89c98a32.pdf. Acesso em: 08 out. 2023.
- BOAVENTURA, São. **Legenda Maior - Vida de São Francisco de Assis**. 2. ed. São Paulo: Santa Cruz Editora e Livraria Católica, 2021. Disponível em: <https://www.pensecomigo.com.br/livro-legenda-maior-vida-de-sao-francisco-de-assis-pdf-sao-boaventura/>. Acesso em: 09 out. 2023.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9. Ed. São Paulo: Global, 2000.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Lendas Brasileiras**. 3. ed. São Paulo: Global, 2003.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo: Global, 2012.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Mitologia e processos identificatórios. **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 39, p. 170-193, abr/maio, 2007. Disponível em: https://www.ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli_mitologias-e-processos-identificatorios.pdf. Acesso em: 09 out. 2023.
- CRUZ, Marcelo Silverio da. Mitos – suas origens e sua importância para o homem contemporâneo. **Centro de pesquisas estratégicas Paulino Soares de Sousa**. UFJF Defesa, Juiz de Fora, p. 1-10. Disponível em: <https://jadirantunes.files.wordpress.com/2014/12/marcelo-s-da-cruz-mitos-origem-e-importancia.pdf>. Acesso em: 08 out. 2023.
- DION, Sylvie. A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. **GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**. Londrina, n. 6, p. 1-13, ago-dez,

2008. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/8012>. Acesso em: 09 out. 2023.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1972. Disponível em: <https://portalbiblioteca.ufra.edu.br/images/Ebook/letrasportugues/mitoerealidadelivro.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Ed. PUC-Rio. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

JOLLES, André. Formas Simples. São Paulo: Cultrix, 1977. Disponível em: https://www.academia.edu/76325411/Andre_Jolles_Forma_Simples. Acesso em: 09 out. 2023.

JUNIOR, Roberto. O Lobisomem de Barbalha - ASSOMBRAÇÕES DOS VELHOS CARIRIS. **Cariri das Antigas**, 2021. Disponível em: <https://cariridasantigas.com.br/o-lobisomem-de-barbalha-assombracoes-dos-velhos-cariris/>. Acesso em: 09 out. 2023.

LACERDA, Naziozênio Antônio. O gênero textual lenda: fantasiando a imaginação de alunos em processo de alfabetização e letramento. **Anais do IV COGITE-colóquio sobre gêneros & textos**. Teresina, p. 1-13, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/10934>. Acesso em: 10 out. 2023.

LIMA, Mano. **O lobisomem do arvoredo**. 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6vrfzWv2BKM>. Acesso em: 10 out. 2023.

MEDEIROS, Eleita. **Imaginários em diálogo: A lenda do lobisomen em uma perspectiva Bakhtiniana como resgate de narrativas folclóricas**. Tubarão, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8653512-Elita-de-medeiros-imaginarios-em-dialogo-a-lenda-do-lobisomem-em-uma-perspectiva-bakhtiniana-como-resgate-de-narrativas-folcloricas.html>. Acesso em: 05 out. 2023.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PINTO, Maria Louzada Viana Ribeiro. **A universalidade do mito lobisomen**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

RAMALHO, Zé. **Mistérios da meia noite**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RUtMFXymcH0>. Acesso em: 10 out. 2023.

RODRIGUES, Maria Alzenira. **História de Lobisomen**. Fortaleza: SEDUC, 2018.

SARMENTO, Robert. Moradores do agreste de Pernambuco relatam noites perturbadas por lobisomens. **UOL**, 2019. Disponível em:

<https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticias/2019/10/19/moradores-no-agreste-de-pernambuco-relatam-noites-perturbadas-por-lobisomem-178100/index.html>. Acesso em: 08 out. 2023.

SECOS & MOLHADOS, **O vira**. 1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qf8SLvBSlgk>. Acesso em: 10 out. 2023.

TREM DA ALEGRIA. **O lobisomem**. 1991. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3lvsicaYcD0>. Acesso em: 10 out. 2023.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Mitos gregos**. São Paulo: Objetivo, 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/4489999/Paulo_S%C3%A9rgio_de_Vasconcellos_MITOS_GREGOS_Livro_Mitos_Gregos_1_17_07_9_45_AM_P%C3%A1gina_I_MITOSMITOS_Livro_Mitos_Gregos_1_17_07_9_45_AM_P%C3%A1gina_II_GREGOSGREGOS_Livro_Mitos_Gregos_1_17_07_9_45_AM_P%C3%A1gina_III_Livro_Mitos_Gregos_1_17_07_9_45_AM_P%C3%A1gina_IV. Acesso em: 05 out. 2023.

VICENTE FININ Uma Lenda Cariense. Direção de Erivan de Lavor. Aurora: Eita Aurora, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xqUO2FhAcTk>. Acesso em: 10 out. 2023.